

## **O projeto na interface entre o público e o privado: Mutação Matriz, instrumento de investiga o, São Paulo – 2007**

*The project on interface between the public and the private:*

*Mutation Matrix, investigative tool, São Paulo – 2007*

*O proyecto en la interfaz entre lo público y lo privado:*

*Mutaci n Matrix, herramienta de investigación São Paulo - 2007*

Autor 1: ALBAMONTE, Luciano

Arquiteto e Urbanista, Mestrando do Programa de Pós-Gradua o em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), e bolsista CAPES. E-mail: [lucianoalbamonte@gmail.com](mailto:lucianoalbamonte@gmail.com)

Autora 2: ALVIM, Angélica Benatti

Arquiteta e Urbanista, Mestre e Doutora em Arquitetura e Urbanismo, Coordenadora Geral de Pós-Gradua o da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Bolsista Produtividade CNPq. Docente do Programa de Pós-Gradua o em Arquitetura e Urbanismo. E-mail: [angelica.benatti.alvim@gmail.com](mailto:angelica.benatti.alvim@gmail.com)

### **RESUMO**

Este artigo discute o processo de produ o projetual a partir de uma série documental e de registros que resultou no projeto chamado Muta o Matriz – Nova Experimenta o no Espaço Urbano, apresentado na sétima Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo, em 2007. Parte-se da premissa de que tal série torna-se determinante, entendida como uma narrativa dos motivos do projeto, tão quão mais nitidamente tais motivos possam demonstrar sua identidade, seja enquanto interven o do futuro sobre o presente, seja enquanto atualiza o do presente frente às pr -existências da sedimenta o histórica. Considera-se que tal projeto apresenta uma forma inovadora de reflexão a partir do conceito de interface entre público-privado, e de que modo o projeto arquitet nico pode ser a síntese dessa expressão.

**PALAVRAS CHAVE:** interface, público, privado, projeto e muta o.

### **ABSTRACT**

*This article discusses the architectural design production process from a documentary series and records that resulted in the project called Mutation Matrix - New Experiments in Urban Space, presented at the seventh International Biental of Architecture in 2007. It starts with the premise that this series becomes crucial, understood as a narrative of the project reasons, so how can more clearly this reasons demonstrate their identity, either as an intervention of the future on the present, or as update this forward to pre-stocks of historical sedimentation. This project presents an innovative way of thinking from the concept of interface between public and private, and how architectural design can be a synthesis of that expression.*

**KEYWORDS:** interface, public, private, project and mutation.

### **RESUMEN**

*Este artículo aborda el proceso de producción de diseño arquitect nico de una serie de documentales y registros que resultó en el proyecto denominado Matrix Mutación - Nuevos experimentos en el espacio urbano, presentado en la séptima Bienal Internacional de Arquitectura en 2007. Comienza con la premisa de que esta serie se convierte en crucial, entendida como una narración de las razones del proyecto, así cómo se puede demostrar más claramente en las razones su identidad, ya sea como una intervención del futuro en el presente, o como actualización de este interés pre- existencias de sedimentación histórica. Se considera que este proyecto presenta una innovadora forma de pensar del concepto de interfaz entre lo público y lo privado, y cómo el diseño arquitectónico puede ser una síntesis de esa expresión.*

**PALABRAS CLAVE:** interfaz, públicos, privados, proyecto y mutación.

## 1. INTRODUÇÃO

O artigo pretende analisar o processo de trabalho que resultou no projeto chamado Mutação Matriz – Nova Experimenta o no Espaço Urbano, apresentado na sétima Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo, em 2007<sup>1</sup>, realizada no pavilhão de exposi es do parque do Ibirapuera. Nesse evento foi organizado um concurso estudantil entre escolas de Arquitetura e Urbanismo, com o tema “Arquitetura: o público e o privado”. Inscreveram-se no concurso 68 institui es, e 32 foram escolhidas para exposi o do trabalho durante a bienal. Nesse contexto, o projeto em questão foi agraciado com o 2  pr mio, apresentando, segundo o júri, uma forma inovadora de reflexão a partir do conceito de interface entre público-privado, e de que modo o projeto arquitet nico pode ser a síntese dessa expressão.

## 2. JUSTIFICATIVA E LOCALIZA O

A dial tica entre o público e o privado na produ o do espaço contemporâneo   oportuna para fomentar uma discussão sobre essa atividade a partir de suas múltiplas rela es. Somente a partir do entendimento de diferentes sobreposi es de utiliza o e apropria o desse espaço   que se pode perceber as infinitas matizes que o conceito público-privado irá derivar: *“uma área aberta, um quarto ou espaço podem ser percebidos como lugar mais ou menos privado ou como uma área pública, dependendo do grau de acesso, de quem o utiliza de quem toma conta dele e de suas respectivas responsabilidades”* (HERTZBERGUER, 1999). Ou seja, o território   o espaço usado, efetivamente, como união indissolúvel de sistemas de objetos e sistemas de a es e suas formas híbridas, as técnicas (SANTOS, 2001).

O território de análise, diagnóstico e interven o do projeto   a área central da cidade de São Paulo, marcadamente as conexões entre o centro histórico e o centro novo: Largo São Bento, o vale do Anhangabaú, os viadutos do Chá e Santa Efigênia, rua Barão de Itapetininga, rua Vitória, rua dos Andradas e avenida Ipiranga. Essa  rea foi escolhida como

---

<sup>1</sup> Produzido pela equipe: Arthur Francisco Rausch, Bruno Canavale Atra, Danilo Tanaka Magrini, Mariana de Carvalho Da Puglisi, Marina Panzoldo Canhadas, Leonardo da Cunha Catella, Luciano Albamonte da Silva, Thiago Vidal Pelakauskas, Tony Guedes Costa. Professoras Orientadoras: Lizete Maria Rubano, Silvana Maria Zioni e Célia Regina Moretti Meirelles.

objeto de estudo dada a riqueza e as disparidades de seus espaços, configurações recíprocas, significações e densidades históricas. Sobretudo, a riqueza e pujança da vida pública de suas ruas.

**Figura 1: Largo São Francisco antes e depois do projeto urbano (2013)**



Fonte: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano, 2015.

Atualmente, em 2014, constata-se, no centro histórico de São Paulo, a necessidade de equipamentos que condicionem a pontuação do espaço, a fim de trazer uma nova dinâmica na apropriação do território, criando novas relações entre usuários e local. Exemplos disso são o projeto urbano do Largo São Francisco pela prefeitura em 2013 (Figura 1), bem como o estímulo à criação de parklets. Em consonância com essas iniciativas, considera-se que o projeto Mutação Matriz permanece atual no seu enfoque e design, como uma proposta relevante e inovadora para novas possibilidades de ocupa o do espaço público.

### **3. FUNDAMENTA O TEÓRICA E CONCEITUAL**

Em São Paulo, metrópole subdesenvolvida industrializada (SANTOS e SILVEIRA, 2001), atuam as contradi es t picas do sistema capitalista, onde chocam-se os interesses do corporativismo financeiro   crescente informaliza o das condi es públicas. Definem-se assim tr s globaliza es, que concorrem na produ o da cidade contemporânea: a globaliza o como nos   mostrada a partir dos meios de comunica o em massa, propriamente uma f bula, hibridamente virtual e real; a globaliza o que todos percebemos,



## PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:  
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

no nosso cotidiano, da lógica residual e de segregação do capital, que condiciona e acentua as condições de pobreza, ocasionadas por um aparelho técnico-burocrático global; e uma globalização possível, que transcenda o processo democrático de apropriação exploratória, tanto da terra como dos bens de consumo, que se faça valer enquanto processo colaborativo e que implique e reforce uma base de associação cooperativista (FREIRE, 1936, SANTOS, 2001).

Na cidade contemporânea, fluxos de transporte de massas de pessoas (BAUDRILLARD, 1985) configuram o programa do movimento, onde relações de densidade e movimento de massa criam polos centralizantes e zonas de fluidez (DELEUZE e GUATTARI, 1985, SANTOS, 2001). Nesse sentido,

Se a rua como uma coleção de blocos de edifícios é basicamente a expressão da pluralidade de componentes individuais, na maior parte privados, a sequência de ruas e praças como um todo constitui potencialmente o espaço em que deve tornar-se possível um diálogo entre os usuários (HERTZBERGUER, 1991, p.64)

Hoje, comumente, a rua conecta espaços privados, demonstrando a qualidade e o uso do espaço público como o pouco que sobrou. Seu uso é otimizado por moradores de rua, comerciantes informais (camelôs), lumens-operários, catadores de lixo reciclável, também conhecidos como homens nômades, ou homens-lentos, e que se estabelecem em locais com alto fluxo de pessoas. São as formas extremas de modernização que convivem com novas condições urbanas – informais, transitórias, clandestinas – geradas pela integração global.

Guerra pela ocupação urbana:

A cidade converteu-se num arquipélago de enclaves modernizados, com suas torres corporativas, shopping centers e condomínios fechados – cercadas por vastas áreas abandonadas, terrenos vagos ocupados por populações itinerantes. Camelôs tomam as ruas, favelas vão preenchendo os espaços entre as autopistas, grupos de sem teto instalam-se sob os viadutos. Instala-se assim a máquina de guerra, que é uma certa maneira de ocupar o espaço. É uma invenção das populações itinerantes, que ocupam o território por deslocamento, por trajetos que distribuem indivíduos e coisas num espaço aberto e indefinido (PEIXOTO, 2002, p.11)

Desse modo, essa área se caracteriza tanto por ser um lugar estabelecido, como também palco de convívio, conflitos, disputas e contradições. Deve-se, portanto, entender como os diversos contextos agem, considerando a cidade como amálgama – mistura ou ajuntamento de pessoas ou coisas diferentes: *“assim é possível enxergar a dinâmica das*

*variáveis escolhidas dentro de uma situação, reconhecer as heranças e, ao mesmo tempo, as intencionalidades e a busca de sentido pela sociedade” (SANTOS e SILVEIRA, 2001).*

O espaço da rua foi, originalmente, o espaço para *“ações, revoluções, celebrações, e ao longo da história podemos ver como, de um período para o outro, os arquitetos projetaram o espaço público no interesse da comunidade a que de fato serviam” (HERTZBERGUER, 1991).* O evento paulistano Virada Cultural, que integra shows e eventos na cidade de São Paulo, demonstra o interesse da população por essa atividade de ocupação rica e prolífera, sendo exemplo paradigmático de uma apropriação diferenciada do centro histórico da cidade.

Considera-se que o ponto de mutação para a transformação do domínio público e seus espaços de ação reside no potencial inusitado e transgressor de uma consciência individual e coletiva – dos usuários e produtores da cidade como corpo diverso e integrado, *“para que possa funcionar não só para estimular a interação social como também para refleti-la” (HERTZBERGUER, 1991).* Ora, a concepção projetual deve ser pensada como estratégia contínua na viabilização de ações, que tenham como consequência uma estrutura formal de síntese entre linguagem crítica e escalas diversas da apropriação da cidade.

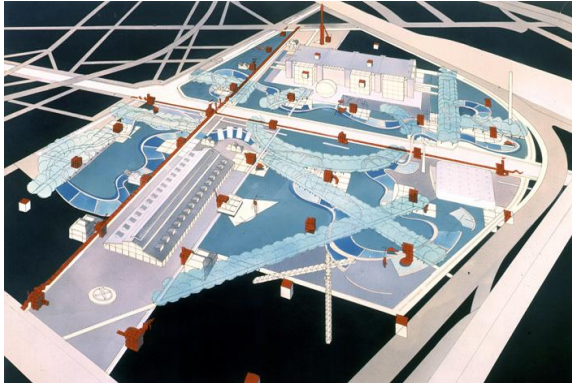
#### **4. METODOLOGIA**

A metodologia apresentada a seguir pretende demonstrar um modo específico de produção projetual a partir do espaço urbano, conjugando dois fatores – entre o que é manifesto e o que é potencial. Primeiro, a partir de um reconhecimento da morfologia urbana atual – fruto de uma experiência histórica e moldada por diferentes forças, tanto intrínsecas como extrínsecas, em meio a um emaranhado de óticas sociais, econômicas, políticas e ambientais. Segundo, da análise, diagnóstico e proposição de novos processos espaciais que tenham como base a pesquisa de campo, o registro dessa vivência por meio da fotografia, e o desenho enquanto investigação de projeto. o exercício de uma futurologia, ou, antes, a materialização de um sonho.

Baseado no potencial de flexibilidade e dinâmica dos espaços públicos, o projeto tem como partido contemplar espacialmente diferentes usos em diferentes escalas. É um

suporte para um programa versátil e flexível, qualidades exemplificadas, respectivamente, nas folies do parque La Villette e no Basket Bar do campus da universidade de Utrecht (Figuras 2 e 3).

**Figuras 2 e 3: Parque La Vilette, Paris, França;**



Fonte: Tschumi, 1982;

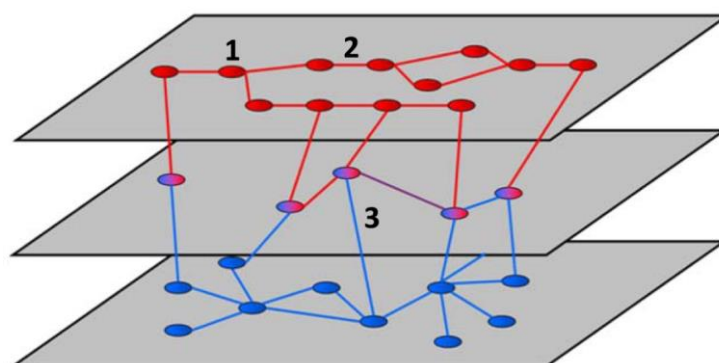
**Basket Bar, Utrecht, Holanda.**



NL Architects, 2000.

Assim, o conceito chave seria o de uma estrutura formal que criaria permutações programáticas. Podem acontecer conjuntamente quadras esportivas, vestiários, bancas de jornal, bicicletários, projeções midiáticas, palcos, cafés, bancos, atividades comerciais, estimulando assim usos sincrônicos e espaços rizomáticos. *“Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo... mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...”* (DELEUZE & GUATTARI, 1980).

**Figura 4: o Projeto da Cidade Porosa.**

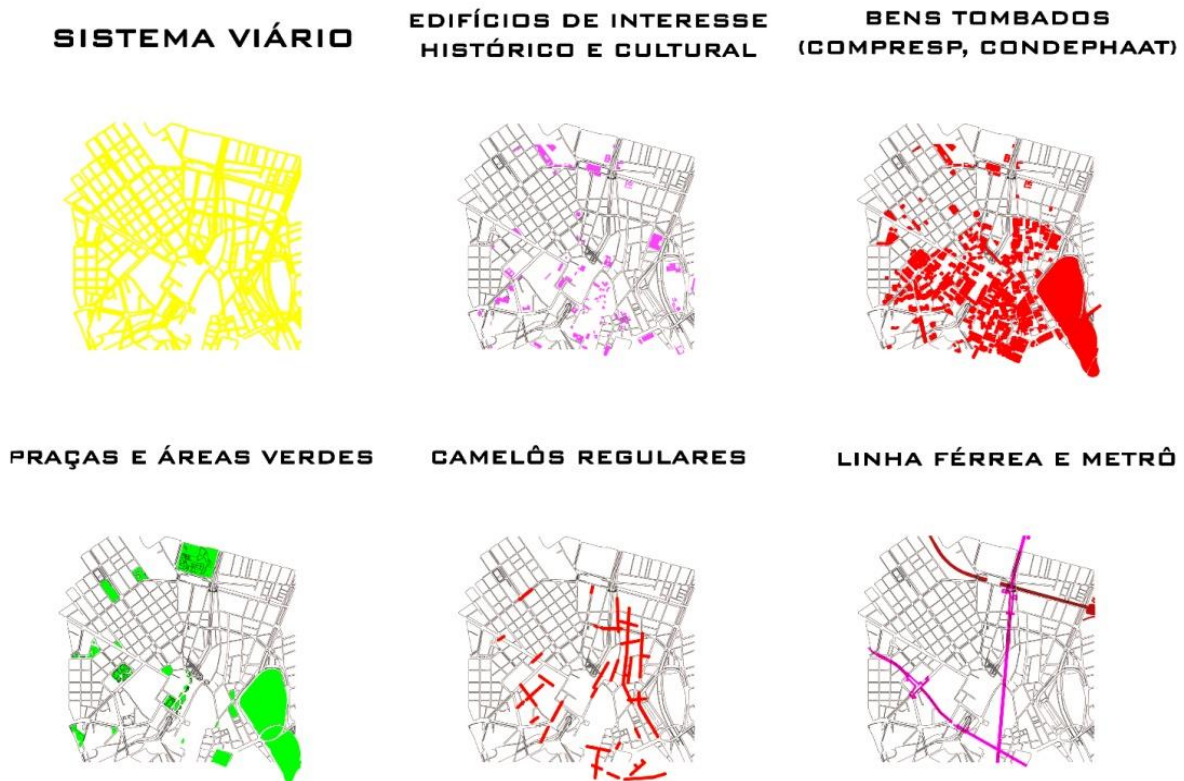


Porosidade (1) + Conectividade (2) + Permeabilidade (3)<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Imagem por Heraldo Ferreira Borges, 2014.

Foram elaboradas algumas camadas de análise cartográfica da área de estudo, seguindo o conceito de cidade porosa (VIGANÓ, 2009). Assim para ler a porosidade, faz-se necessário definir e identificar os elementos que configuram as relações entre as pessoas e as coisas – os percursos, fluxos, eventos, bem como uma análise das dimensões físicas do lugar (Figura 4).

Figura 5: Camadas de análise.



As camadas escolhidas foram: traçado viário; edifícios elencados de interesse histórico e cultural; bens tombados pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo – COMPRES e o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico – CONDEPHAAT; Praças, largos e áreas verdes; ruas com comércio regular de vendedores ambulantes, vulgo camelôs; linha férrea e metro (Figura 5).

**Figuras 5 e 6: Virada Esportiva e Skate.**



As visitas de campo e registros fotográficos permitiram identificar uma multiplicidade de situações de utilização dos espaços públicos do centro da cidade. Foi possível observar que, se a consolidação do centro histórico enquanto forma e tecido urbano foi produzida por um poder econômico dito hegemônico, a acessibilidade resultante de uma consolidação das infraestruturas de transporte que tem o centro como polo ocasionou uma série de táticas de apropriação, ao mesmo tempo cotidianas e singulares, por uma população diversificada (CERTEAU, 1974; HARVEY, 2012).

**Figuras 7 e 8: graffiti e plataformas diagonais de descanso.**



Nesse sentido, as fotografias que documentam a percepção dessas táticas revelam quatro características intrínsecas de articulação entre a forma urbana e os modos de apropriação especificamente. Primeira, a superfície horizontal como suporte de jogo e obstáculo, como se pode observar no evento Virada Esportiva, realizado pela prefeitura com o estímulo à ocupação de espaços públicos para a prática recreativa e esportiva (Figura 5), e também de veículos leves, como bicicletas, patins e skates (Figura 6). Segunda, superfície vertical como suporte artístico para pixação e graffiti (Figura 7). Terceira, plataformas contíguas em diagonal como mirantes e lugares de descanso (Figura 8). Quarta, carroças



ambulantes de comércio de produtos, alimentos (Figuras 9 e 10), também catadores de lixo, como homens lentos e máquinas de guerra (DELEUZE e GUATTARI, 1985; SANTOS, 2001; PEIXOTO, 2002).

Figuras 9 e 10: vendedores com carroças ambulantes, vulgo camelô.



### *LARGO SÃO BENTO*

Ponto de cruzamento e nó conector entre a Praça da Sé, a Rua Santa Ifigênia e a Rua 25 de Março, o largo São Bento caracteriza-se pelo alto fluxo de pessoas que transitam sem necessariamente usufruir do espaço para permanência ou contemplação (Figura 11). Um espaço de passagem potencial para abrigar um elemento urbano que agrega diversos usos e que estimularia a prática de troca, convivência e cooperativismo. Como realizar uma ressignificação nesse núcleo histórico?

### *A SALA SÃO PAULO*

Uma tentativa de ressignificação da memória da história de São Paulo está no projeto da Sala São Paulo (Figura 12), localizada na estação Júlio Prestes de trem. Projetada em 1925 por Ramos de Azevedo, a estação marcou o período em que a cidade cresceu em ritmo acelerado por conta do ciclo do café e da implantação da ferrovia estadual. A conclusão do edifício só se deu em 1938, quando o modo de transporte hegemônico da cidade já se caracterizava pelos automóveis. Hoje, a Sala São Paulo é sede da Orquestra Sinfônica do Estado – OSESP, e abriga diversos concertos. A realização do projeto trouxe uma nova

vitalidade para o antigo edifício, mas que não implicou em reais mudanças no espaço público à sua volta, popularmente conhecido como cracolândia.

**Figuras 11 e 12: Largo São Bento e Sala São Paulo.**



### *VALE DO ANHANGABAÚ*

Pela sua dimensão e horizontalidade, o Vale do Anhangabaú emerge como um grande espaço público que possibilita diversas formas de apropriação (Figura 13), bem como um potencial de transição entre diferentes cotas. Como otimizar uma articulação entre esses diferentes níveis e as atividades do cotidiano, conformando uma nova intensidade no lugar?

**Figuras 13 e 14: Vale do Anhangabaú e Praça da República.**



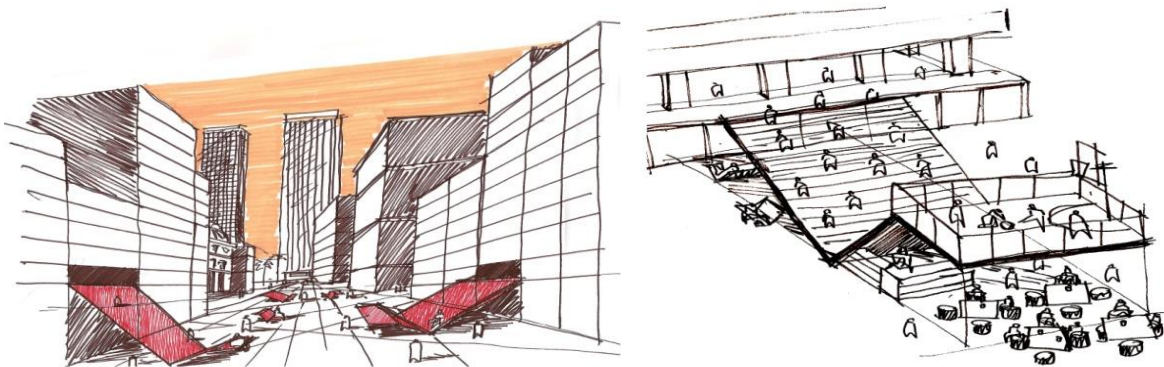
### *PRAÇA DA REPÚBLICA*

Uma praça de fluxo intenso de pessoas, conecta-se com a cidade por meio da estação República de metrô (Figura 14). Conforma um espaço coletivo que ganha ainda mais dinâmica pelas imprevistas apropriações de comerciantes informais, moradores de rua, apresentações artísticas e transeuntes.

## 5. O PROJETO

O artefato projetado – fruto de uma observação cuidadosa e de uma reflexão aprofundada, surgiu num instante. O rápido poder de decisão do croqui gerou, com poucos traços e algumas cores, uma decodificação do espaço, e um desdobramento do programa: a diagonal como elemento mínimo de costura e transposição de planos, e a plataforma elevada efetivando a duplicação do espaço público (figura 15). Desse modo, possibilita-se, em um único movimento, o advento de uma arquibancada, a multiplicidade de usos para a plataforma elevada – palco, quadra, picadeiro, e a cobertura do nível inferior, tornando-o minimamente abrigado contra as intempéries (Figura 16).

Figuras 15 e 16: um projeto, duas escalas<sup>3</sup>.



O projeto foi concebido enquanto protótipo modular, ou seja, um estudo preliminar de um mecanismo de factível à replicação. Proposto para acontecer com 4 pontos de apoio apenas – um duplo braço metálico em cada extremidade, com rótulas conectando-os à duas vigas vagão, e um sistema suplementar duplo de tirantes metálicos estaiados. As arquibancadas possuem uma modulação de altura de 4 metros, podendo atingir 8 e até 12 metros através de platôs intermediários (Figura 17). As figuras 18 a 23, a seguir, consistem nas inserções realizadas enquanto produto projetual.

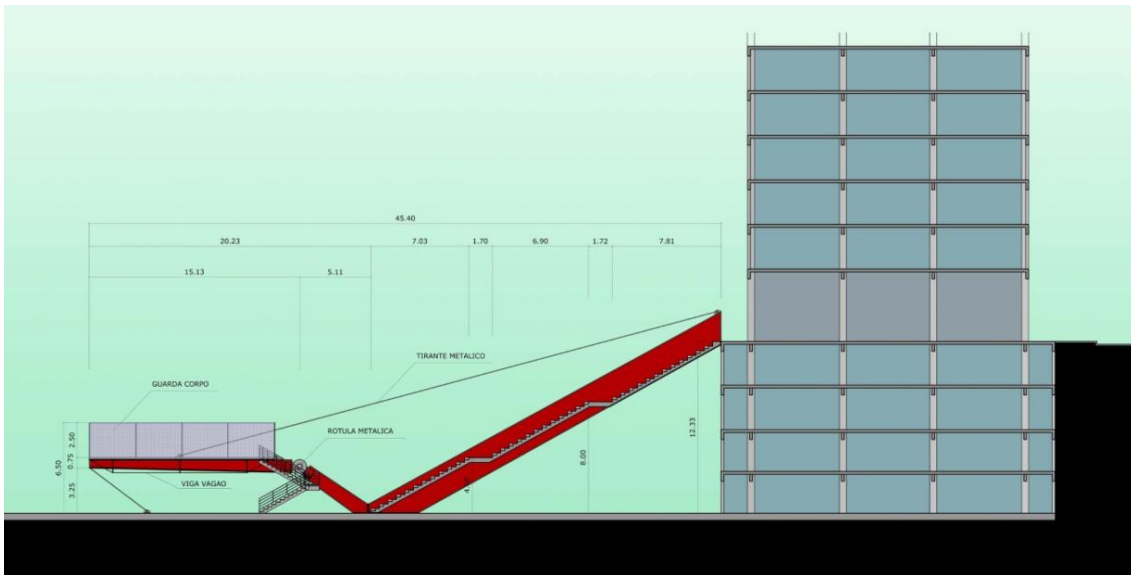
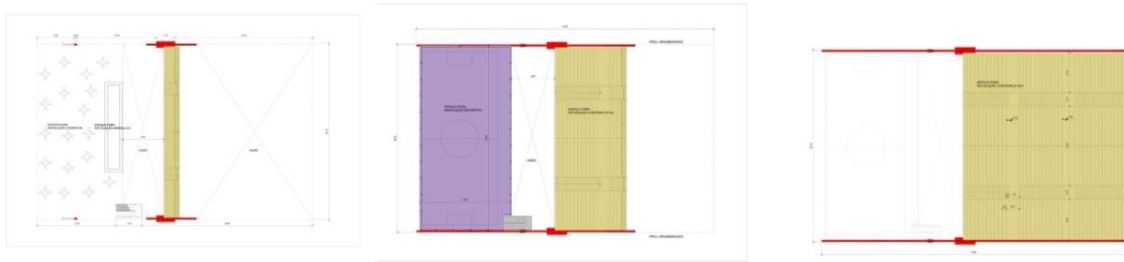
<sup>3</sup> Desenhos por Thiago Vidal Pelaskauskas, 2007.



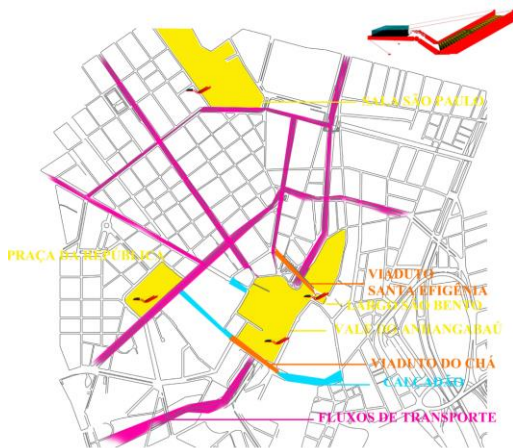
# PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:  
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

Figura 17: plantas e corte.



Figuras 18 e 19: Mapa Síntese e maquete conceitual – inserção no Vale do Anhangabaú.





# PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:  
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

Figuras 20, 21 e 22: inserção no Vale do Anhangabaú – 1 e 3 módulos, e na Sala São Paulo.

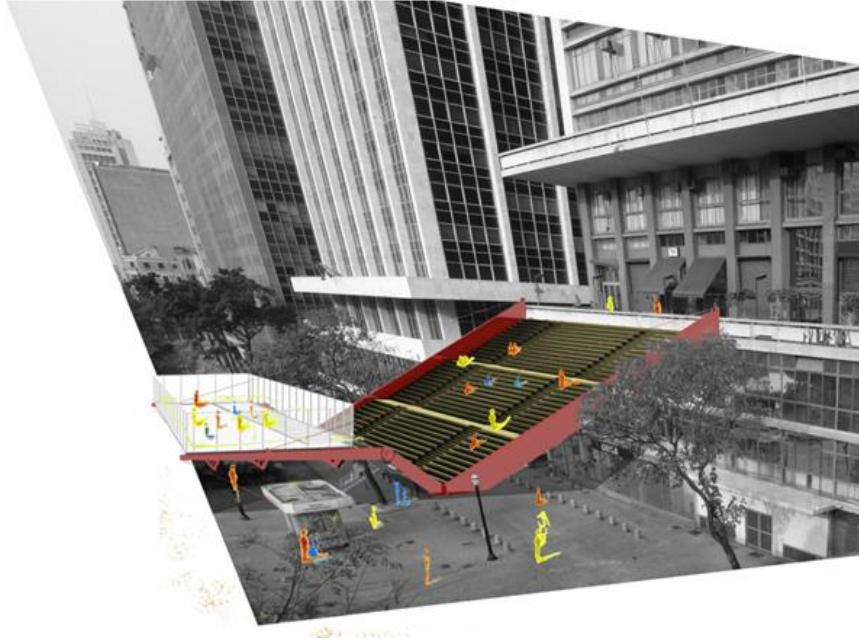


Figura 23: inserção no Largo São Bento.



## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verifica-se que a multiplicidade da proposta, frente à reflexão sobre como o projeto se manifesta enquanto fenômeno de inovação, apresenta um duplo caráter, ao mesmo tempo inusitado e original. Inusitado no sentido de serendipidade – encontrar resposta para um problema impensado ou, antes, propor uma solução a mais, incrementar espaços que já são ricos mas, sendo espaços públicos e históricos, são também problemáticos e contraditórios, local do debate e da inquietação, onde para tanto nenhuma abundância deveria ser suficiente, como bem se demonstra na intervenção realizada no largo São Francisco e propostas para parklets, citadas no item 2 (justificativa e localização). O projeto demonstrou uma inovação original no sentido de voltar à origem, reconhecer as preexistências, buscando alinhar a produção do novo tanto com o consolidado tecido urbano e emérito patrimônio histórico quanto com a atualidade maleável e impermanente das ocupações esporádicas e efêmeras, questões apresentadas, respectivamente, nos itens 3 e 4 (metodologia e fundamentação teórica).

Finalmente, o movimento projetual, apresentado no item 5, busca a resposta à questão: como o projeto pode ser – se torna, devir, a interface entre o público e o privado? A análise do processo criativo constitui, uma vez organizada e enunciada, a própria cartografia do projeto, enquanto cristalização de uma vontade, por meio do desenho, e



# PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:  
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

registro de uma vivência, por toda produção documental desse mesmo processo. Um projeto que se pretende arma de transformação do espaço (ARGAN, 1965), ao mesmo tempo em que anuncia a impossibilidade de qualquer outra intervenção, dada a sedimentação histórica do tecido urbano estudado, que não seja mínima. Comparando por antítese, um exemplo de intervenção máxima, atual e possível, foi corporificado na Praça das Artes, projeto também implantado junto ao Vale do Anhangabaú, fazendo uso dos meandros do quarteirão para conexão com a Rua São João e a Rua Conselheiro Crispiniano. E é justamente esse manancial de possibilidades que o centro histórico de São Paulo oferece, enquanto densidade diferencial de escalas: uma belíssima peça multifacetada, que, no (re)fazer projetual, torna-se um procedimento de cura, como a expressão japonesa, kintsugi - 金継ぎ, conexão de ouro, ou a beleza da experiência e da "insustentável leveza do ser", como no livro de Milan Kundera.

## 7. REFERÊNCIAS

- ARGAN, Giulio Carlo. **Projeto e destino**. São Paulo: Ática, 2000 (1965).
- BAUDRILLARD, **À sombra das maiorias silenciosas O fim do social e o surgimento das massas**. São Paulo: Editora Brasiliense 1985.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. São Paulo: Vozes, 1974.
- DELEUZE, Guilles e GUATTARI, Felix. **Capitalismo e Esquizofrenia 2 – Mil Platôs**. São Paulo: Editora 34, 2012 (1980).
- FREIRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.
- HARVEY, David. **Cidades Rebeldes – do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014 (2012).
- HERTZBERGUER, Herman. **Lições de Arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1999 (1991).
- KUNDERA, Milan. **A insustentável leveza do ser**. São Paulo: Companhia do Bolso, 2012 (1984).
- MORIN, Edgar. **O Método 1: a natureza da natureza**. Porto Alegre: Sulina, 2005 (1971).
- PEIXOTO, Nelson Brissac. **As máquinas de guerra contra os aparelhos de captura**. Disponível em: <[www.artecidade.org.br](http://www.artecidade.org.br)>, acesso em 04/03/2015.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Editora Record, 2000.
- SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil – Território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- VIGANÓ, Paola. **The Metropolis of the Twenty First Century The Project of a Porous City**. 2009. Disponível em <<http://www.oasejournal.nl/en/Issues/80/TheMetropolisOfTheTwenty-FirstCentury#091>>, acesso em 30/05/2015.